

RITUALIDADE: O SELO DE UM PACTO

* Professores de Teologia Sistemática no ITESP.

Márcio A. Couto
Antonio S. Bogaz*

Resumo:

Os aa. no presente estudo, buscam, a partir de uma visão ampla do que seja o rito e como se configura na cultura humana, compreender a originalidade dos ritos cristãos. Dialogam, outrossim, com alguns autores, especialmente os que reconhecem a complexidade dos ritos e a necessidade de se lançar mão de diversas ciências humanas para compreendê-los, especialmente, a lingüística. Elaboram os pressupostos básicos para se compreender o sentido dos ritos religiosos — dimensão mística — tanto do que diz respeito às relações com o sagrado quanto aos seus efeitos psicossociais. Apresenta-se a seguir o sentido original da Aliança judaica e os aspectos essenciais que fazem dela o ponto de partida das expressões rituais do cristianismo. O efeito comunitário — eclesial — do rito cristão e as conclusões práticas apresentam-se como conclusões do estudo.

Palavras-chaves:

Ritos; Rito: antropologia; Ritos: lingüística; Liturgia: ritos; Aliança.

ANOTAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Todas as comunidades humanas elaboram sistemas culturais, lingüísticos e religiosos, ao longo de suas gerações, que finalizam por determinar os traços de sua identidade peculiar. Esta identidade garante a coesão grupal e determinam seus valores e seus ideais, garantindo a proteção dos seus membros.

Dentre estes elementos peculiares, que compõem a identidade de uma comunidade humana, a experiência religiosa reali-

za um papel muito significativo. Nossa pesquisa procura determinar a estrutura desta experiência religiosa, como expressão da identidade comunitária. Esta expressão é radiografada pelas pesquisas de algumas ciências, particularmente a antropologia religiosa, que contorna seu perfil cultural; a ciência teológica, que reflete as relações entre o transcendente e o imanente na comunidade e a ciência litúrgica, que esquematiza as expressões simbólicas dos ritos, como instrumentos para celebrar e cultivar a experiência religiosa.

A tese fundamental deste estudo é o reconhecimento de que todas as comunidades humanas vivem experiências religiosas, que as vinculam à sua divindade. Para fecundar este vínculo de pertencimento mútuo, celebra ritos litúrgicos, fundamentais para a louvação e a súplica a Deus, ao mesmo tempo que evangelização e propagação da fé às novas gerações. Os ritos estão na ordem do diálogo entre o povo e sua divindade, sempre mediados por ministros-sacerdotes e mediatizados por uma linguagem simbólica. A ritualidade se edifica no círculo da vida humana, que está integrado numa relação cósmica e, simultaneamente, numa relação social, expressa em linguagem e simbólica cultural.¹ Os ritos elevam e fazem memória do pacto que a comunidade realizou com a divindade, na sua origem mais primitiva. O rito busca sua legitimidade num pacto original, que é um pacto fundante, que ganha sua credibilidade pela fé da comunidade, alicerçada nos livros sagrados e na tradição secular ou milenar. Os pactos são tribais e expressam a contingência cultural e histórica destes grupos.

Para ilustrar a compreensão destes pactos e seus ritos, analisamos a estrutura da Aliança do povo hebreu, que está na origem da tradição dos seguidores de Jesus de Nazaré. Esta Aliança sela um pacto da comunidade de Israel com Javé e se origina num evento histórico e tem seus protagonistas que instituem os ritos celebrativos de sua memória.

A proposta de Jesus de Nazaré é a busca de um ritual universal, que se materializa em diferentes formas culturais e simbólicas, inculturando-se em todas as comunidades que assumem a proposta do Reino de Deus. Esta Aliança perene e universal transcende as expressões culturais de um povo e sua codificação ritual fica aberta às expressões linguísticas e culturais de todos os povos, assumindo seu contexto e sua história particulares. A sua universalidade está nos valores comuns, como a unidade entre o divino e humano, em Jesus Cristo, a valorização da vida, a partilha e a fraternidade e os bens do espírito humano, como o perdão, a misericórdia e o amor, mesmo aos inimigos.

Nosso estudo visa, assim, compreender a gênese dos ritos, sua elaboração pelas ciências teológicas e litúrgicas e a trajetó-

1 Cf. L. M. CHAUVET, *La ritualité chrétienne dans le cercle infernal du symbole. LA MAISON DIEU*, 133 (1978), pp. 37-45.

ria do ritual cristão, com seu repertório litúrgico e suas variações simbólicas, culturais e lingüísticas.

Nosso objetivo é reconhecer a legitimidade de todos ritos litúrgicos e apontar a importância de uma aliança universal, capaz de unificar a humanidade, sob o manto do mesmo Deus, pai-mãe de todas as gentes, cujos ritos celebrativos respeitem a particularidade de todas comunidades humanas e, ao mesmo tempo, integrem todos os povos.

1. AS FRONTEIRAS DO RITO

A tarefa de definir os ritos perpassa as ciências da linguagem, abrange as ciências antropológicas, buscando sua expressão mais profunda nas ciências da religião e da teologia, que apontam para o sentido mítico e místico do rito.

Ao aprofundar o significado do rito, na encruzilhada das ciências antropológicas e teológicas, R. Didier reflete que o rito vai além da elaboração de rubricas, que servem ao rito e indica a forma jurídica de celebrar os ritos.² As rubricas indicam a seqüência, a ordem e a coordenação das palavras, dos símbolos e dos gestos na administração do rito. Quando estas rubricas excedem sua importância interior, sendo massacrada pela repetição automática e exterior, deteriora-se em ritualismo. Além disso, o rito, embora os comporte, não se restringe à matéria e a forma da seqüência ritual, muitas vezes designados como exigências mínimas para a validade e eficácia da celebração.

O rito é a somatória, de forma ordenada e progressiva, do repertório litúrgico da revelação e da tradição de um pacto, como os símbolos, os gestos, os oráculos revelados ou inspirados, que são, na essência, amalgamados pela fé e legitimados pelos ministros sagrados.

A identidade comum do grupo humano é mantido pelos eixos rituais que se referem às necessidades físicas, econômicas, psico-sociais, estéticas, espirituais, políticas (alimento, saúde, prestígio, trabalho, parentesco, beleza, amizade, comunicação sexual, comunidade, exorcismo de maldades, transcendência, perdão, estabilidade e tanto mais). Cada seqüência ritual se desenvolve num curso histórico e é ali mais significativa, com a polivalência que caracteriza o simbólico.³ Estes valores são mutantes e seus rituais podem ser mais laicais ou mais eclesiais. As mudanças se dão por fatores como as classes, gêneros, raças, religião e toda mutação cultural.

D. Irarrazabal destaca alguns elementos fundamentais do rito, que são celebrados nos cultos litúrgicos e propagados pelas práticas religiosas. Destacamos o contexto global do rito que aponta para melhorias de vida e possibilidade de sobrevivên-

2 Cf. R. DIDIER, Des sacrements, pour quoi? Enjeux anthropologiques et théologiques. *LA MAISON DIEU*, 119 (1974), pp. 35-36.

3 Cf. D. IRARRAZABAL, *Rito y pensar cristiano*. Lima, CEP, 1993, p. 27.

cia, destacando a presença de grupos marginalizados, como anciãos, raças discriminadas, desempregados, analfabetos, estrangeiros e migrantes, entre outros. Embora a atividade ritual seja relativizada na cultura moderna, pela privatização, fragmentação e isolamento da vida moderna, especialmente no setor urbano, os fiéis se procuram para celebrar seus ritos de unificação e de profissão de fé comum. Os ritos sempre são portadores de culturas, projetos vitais e espiritualidades, numa relação de promessa e proteção com a divindade. Seus símbolos mais comuns são imagens, objetos cotidianos, bandeiras, ícones e alimentos, cantos e danças, que se misturam com a aproximação dos diversos grupos humanos.⁴

O processamento do ritual é, nas expressões mais genuínas, mais laicais e espontâneas e nas expressões mais elaboradas sacerdotais e formais. Nos dois casos, ocorre sempre a delimitação do sagrado e do profano e a criação de ministérios para a realização do ritual. Nestes rituais, expressam-se o amor e os cuidados de Deus e para com Ele e a adesão dos integrantes do rito. Os materiais do rito implicam numa universalidade, para se identificar com a vida humana global e, ao mesmo tempo, os elementos típicos da comunidade, evocando sua cotidianidade. Na mesma medida, as narrativas dos ritos expressam valores supra-culturais, como a verdade, a paz e a justiça, e narrativas privadas do grupo, que expressam sua origem e sua tradição.

Por fim, entendemos que o ritual se descreve como uma seqüência de gestos, símbolos e palavras sagrados, significativos para a comunidade, respondendo suas necessidades básicas, externando sua adoração à divindade e suplicando proteção e benefícios. Esta ritualidade se serve de oferendas, como velas, flores, alimentos e se radicaliza no exercício sacrificial, como prova de adesão e fidelidade absoluta.

1.1 Os Ritos como diálogos místicos

Todas as práticas religiosas visam tocar as realidades transcendentais e penetrar no mistério. As linguagens humanas são limitadas e não podem atingir a plenitude do espírito humano. As expressões racionais, sensitivas, emocionais e intuitivas expressam de modo profundo as atividades do espírito humano, mas não são plenas para expressar sua atividade espiritual na sua relação transcendental.

O adentramento humano no mistério divino se realiza pela experiência humana, que acontece na vida cotidiana, nas atividades humanas, pelas quais, o ser humano procura se encontrar com Deus. A consciência do pertencimento a Deus leva o

4 Cf. D. IRARRAZABAL, *Rito y pensar cristiano*, op. cit., pp. 28-29.

ser humano a buscar sempre sua realização espiritual, como dimensão mais elevada desta sua realização. As manifestações divinas e a compreensão destas manifestações é o objeto da ciência teológica, que procura decodificar nos vários contextos e nas várias culturas o significado mais profundo destas práticas religiosas, para compreendê-las, aprofundá-las e transmiti-las às novas gerações.

O mistério, no entanto, extrapola todas as formas de linguagem, exigindo modelos rituais para serem experienciados pelos fiéis, particularmente ou em comunidade. As expressões místicas, bem como as expressões artísticas são tentativas de exprimir a profundidade da experiência mística dos movimentos religiosos.

Assim como a linguagem emocional manifesta a experiência mística sem maiores elaborações racionais, a linguagem racional descreve a experiência mística sem maiores expressões dos sentimentos.

Nesta lógica da compreensão da experiência religiosa, o rito possibilita o adentramento no mistério divino, uma vez que ele sintetiza os sentimentos e a inteligibilidade do espírito humano e permite vivenciar, em comunidade, a fé, que expressa os sentimentos espirituais da comunidade. O rito se situa dentro das estruturas da existência humana, inserida num grupo. Ele é a expressão do cotidiano e seu caráter exprime a fé da comunidade, como confiança na presença divina no seio da comunidade.⁵ O plano cultural descreve a particularidade do rito, que o encarna numa história, num tempo e contexto determinados.

Os ritos, nas várias práticas religiosas, propiciam um diálogo mais profundo entre o fiel e Deus, aprofundando suas crenças e permitindo a aproximação entre o universo sagrado e o universo humano. Pela realização do rito, com todos seus componentes, dá-se o encontro humano-divino, como expressão nuclear da experiência religiosa. Entendemos que o rito se expressa em formas simbólicas, as quais assinalam uma realidade espiritual que transcende a simples compreensão sensível da existência. Sejam convencionais ou naturais, os ritos humanos visam expressar e comunicar a dimensão misteriosa da existência humana.⁶

O rito é a forma dialogal mais completa que os seres humanos realizam, para sua aproximação com Deus, para exprimir seus sentimentos, seus anseios, seus temores e sua confiança. Ele é um sinal que remete a outra realidade e exige um conhecimento das suas realidades que se encontram no rito. Sua função é medianeira entre o sujeito que ritualiza e a realidade que visa encontrar pela sua realização.⁷ F. Marty anota ainda o arbítrio do símbolo que pode ser natural, como expressão da

5 Cf. F. MARTY, *Signe. Symbole. Sacrement. RSR*, 75 (1987), p. 227.

6 Idem.

7 Idem.

própria vivência grupal, onde o significado dos símbolos advém de sua função natural e o símbolo convencional, que advém de uma função artificial de um sinal e sua convenção como expressão de um valor expresso no rito por seus significados mais profundos, os símbolos revelam o próprio rosto divino, que é contemplado e acreditado pelos fiéis.

Para realizar esta função, o rito se desenvolve em vários níveis de significação. Em primeiro lugar, desenvolve-se como um agir simbólico programado, pelo qual se opera a identificação pessoal na inserção social e a identificação do grupo social na sociedade global. Neste nível, o símbolo tem a função de inserir a pessoa no seu grupo religioso e a seu grupo religioso numa instituição global, que comunga seus ritos. Seus espaços concretos são sua história, seu contexto e seu universo cultural.

Em segundo lugar, o rito se desenvolve como um agir simbólico concreto, uma vez que o rito se concretiza em símbolos que exprimem seu sentido mais profundo. No cristianismo esta concretude se realiza em rituais celebrativos e sacramentos. Neste nível, o ritual cumpre a tarefa de integrar a pessoa numa comunidade concreta, determinada como Igreja, significando comunidade de fé, que por sua vez se integra numa sociedade religiosa global. Finalmente, os ritos se integram em formas concretas do agir simbólico ritual, que marcam funções específicas dos rituais de iniciação religiosa, consagração, matrimônio, funerais, entre outros.⁸ Por estas funções do rito na comunidade religiosa, entendemos que a fé é a condição para resgatar o ritual do formalismo e que, sem a ritualidade, a fé reduz-se à gnose e ao moralismo. O rito integra a pessoa na comunidade de fé e, na comunhão, constitui uma comunidade eclesial.

A tarefa da liturgia é compor estes ritos, aprofundá-los e entendê-los, para que os fiéis encontrem neles sua satisfação plena e, por eles, toquem pessoalmente a Deus e por Ele se sintam tocados, valorizados e amados. As ciências teológicas e da religião devem dissecar estes fenômenos, evitando assim que possam ser manipulados por poderes desintegradores da unidade humano-divino e promover a celebração dos ritos com lucidez e consciência, evitando seu enfraquecimento espiritual e sua degeneração em forma de fanatismos e fundamentalismos.

1.2. Rito para celebrar os pactos

Os ritos celebram o pacto que a comunidade sela com Deus. Podemos observar na *história das religiões* que, em todos os casos, existe uma ritualidade original.

O rito originante representa sempre o selo primordial do pacto. Ele marca o ponto de partida de todos os valores, sím-

⁸ Cf. R. DIDIER, *Des sacrements, pour quoi?* op. cit., pp. 336-339.

bolos, revelações sagradas que determinam os ritos derivados do ritual originante.

O rito expressa uma manifestação excepcional de Deus para os membros da comunidade, de forma coletiva ou de maneira personalizada, revelando a epifania divina nas realidades humanas, interferindo no seu destino e exprimindo um projeto de vida para a comunidade. Neste sentido, este projeto de vida é justificado pelas revelações trans-históricas, que denotam as origens e o destino do ser humano. Estas revelações justificam as exigências de Deus em relação ao ser humano.

9 Cf. G. S. KIRK, *El mito*. Barcelona, Paidós, 1990, pp. 15-44.

Kirk, na sua obra *El Mito*,⁹ descreve a conexão entre os contos populares e os rituais, apresentando os mitos como fantasias e sonhos ou arquétipos e símbolos. Estas conexões mostram que os mitos são expressões do inconsciente humano e revelam suas crenças mais profundas. Os mitos são narrados em contos populares e celebrados em rituais religiosos, identificando a comunidade religiosa e unificando seus membros.

Em todas os grupos humanos, temos a descrição mítica e mística de um ritual de pacto, que perpassa sua história e os unifica, vinculando-os ao mesmo ideal, aos mesmos princípios éticos, à mesma doutrinação. Como o ritual do pacto está na origem da formação da comunidade, toda sua história é perpassada por este ritual, que se renova e se atualiza ao longo de todas as gerações. Este ritual torna-se na sua história uma tradição ininterrupta como um fio condutor ou mesmo um elan espiritual que possibilita a continuidade e sua evolução, sem perder sua identidade.

L. M. Chauvet mostra que as religiões de tipo histórico elaboram um simbolismo ritual que separa o momento atual de um *tempo atemporal*, onde se situa a atuação do seu fundador. O fundador do mito está fora da história e comunica-se com os ancestrais que deixam a ação deste fundador e seus ensinamentos como herança para a posteridade. Deste modo, seguindo a intuição de C. Lévi-Strauss, o autor acredita que todo rito nasce de um mito. Os ritos vivificam e *perenizam* os mitos, revigorando sua memória e sua simbologia.¹⁰

10 Cf. L. M. CHAUVET, *La ritualité chrétienne dans le cercle infernal du symbole*, op. cit., pp. 36-37.

Estes ritos têm elementos comuns, que lhes dão um sentido de unidade e de homogeneidade entre os vários grupos. Há uma profunda identidade entre eles e as diferenças representam a diversidade e a pluralidade dos grupos.

Em todos os grupos religiosos, o ritual vincula o grupo ao poder divino e lhe garante sua proteção, ao mesmo tempo que lhe impõe exigências fundamentais. Estas exigências descrevem as normas éticas e sua forma de agir, garantindo a convivência entre as pessoas. A desobediência destas exigências é punida violentamente e, ao mesmo tempo, o seu cumprimento

é premiado pela comunidade e, em última instância, pelo poder divino, que lhe garante suas graças ou lhe ameaça com seus oráculos que amedrontam.

As exigências são conservadas e renovadas nos cultos, realizados em rituais litúrgicos. Em todos os rituais, são convocadas as suas divindades, para renovar a Aliança e atualizar o pacto de forma convincente e impositiva. A divindade se faz presente e é sentida por todos os fiéis do culto. Esta é uma das funções mais importantes do ritual litúrgico.

Nestes rituais, os fiéis contam com a mediação de ministros, escolhidos de forma aleatória pela própria divindade. A escolha divina garante a legitimidade do seu ministério, para poder falar, exigir, premiar e punir em nome do Deus a quem a comunidade de fé serve com devoção e reverência. Estes ministros são delegados para realizarem os ritos, que segundo os historiadores das religiões e os teólogos são sempre sacrificiais. Estes sacrifícios têm uma natureza peculiar: a destruição e a morte de vítimas em favor da divindade, que exige, como prêmio ou como expiação. A figura do sacerdote representa o ministro que realiza o ritual e ele realiza o sacrifício diante de Deus.¹¹ O axioma fundamental do sacrifício é a imolação de seres vivos. Estes sacrifícios têm diferentes níveis de requinte, indo desde plantas, pequenos animais até animais mais nobres e valiosos, conforme a cultura da comunidade religiosa. Em alguns casos, a oferenda do sacrifício é o próprio ser humano. Nestes casos, são inaceitáveis oferendas como anciãos ou enfermos; exige-se jovens formosas ou crianças puras e perfeitas.

Em alguns casos, os ministros são escolhidos pela comunidade, a partir de sua conduta pessoal: a comunidade elege analisando sua mística e sua conduta pública. Para entrar na esfera do sagrado é preciso pureza, santidade e confiança absoluta em seu poder. Noutros casos, os ministros são os anciãos, pela tradicional concepção que os anciãos adquirem com os anos a sabedoria e que a senilidade é expressão da misericórdia divina. Viver na longevidade é um prêmio divino para os seres humanos privilegiados. Ainda, em tantos casos, o ministério está ligado a uma tribo ou clã e se torna hereditário. A família é portadora da bênção divina, como um direito excepcional, que passa aos filhos como um direito de progenitura. Notadamente, se constata nos grupos humanos uma legitimação da primogenitura, tanto na herança familiar, como na manutenção do poder. Cabe sempre ao filho mais velho a missão de unificar a família e assegurar sua unidade e sua continuidade.

Normalmente, estes vínculos estão ligados a conotações culturais que limita a nomeação do ministério, como a exclusão de mulheres, de estrangeiros ou de deficientes físicos ou

11 Cf. L. BOUYER, *Le rite et l'homme*. Paris, Cerf, 1963, pp. 113-114.

mentais. Estas conotações culturais determinam a legitimidade dos ministros e são excludentes. Somente a força de gerações pode mudar as determinações culturais das tradições dos ritos. Estas mudanças devem se justificar pelas exigências de novos ideais e de novos valores que se impõem de forma imperativa. Paulatinamente vão formando a consciência dos fiéis que abarcam as novas concepções religiosas. Muitas comunidades humanas assumem representações culturais cristalizadas, confirmando a exclusão de estrangeiros, dos pobres e, inúmeras vezes, das próprias mulheres. Estas dinâmicas culturais se justificam em crenças e sistemas religiosos.

Notamos, nesta evolução das conotações culturais, o permanente conflito entre as tendências religiosas. Normalmente, embora nem sempre ocorra assim, os veteranos cristalizam as concepções religiosas e seus ritos, enquanto os calouros preferem sua transformação e renovação constante, até que serão, por sua vez, veteranos e tudo farão para dificultar as evoluções ininterruptas dos rituais litúrgicos. Para os conservadores, a autenticidade e a legitimidade emanam da tradição e da repetição. Para os renovadores, o sentido mais profundo da autenticidade advém do sentido espiritual dos ritos e não de seus canons cristalizados, repetidos com rigor incessantemente.

Os rituais determinam ainda espaços sagrados para celebrar o culto, que se apresentam como que *templos*, que propiciam a realização do ritual de forma mais eficaz e verdadeira. Estes *templos* podem ser representados por espaços naturais, como montanhas, pedras em colinas, cachoeiras ou construção de templos sagrados, conforme os oráculos da divindade originante. Os espaços sagrados são considerados como tal pelos seus ministros. Podemos recordar o Monte Sinai, para o povo hebreu, o Monte Olímpo, para os gregos, o Rio Ganges, para os hindus, entre tantos.

A reflexão teológica nos faz compreender as razões fundamentais destes espaços sagrados e assimilar a força imperativa de sua realização. A credulidade dos fiéis facilita a realização dos ritos e dificulta sua eliminação. Testemunhamos a fundamentação das crenças, expressas nos ritos, quando eles renascem fulgurantes depois de décadas ou mesmo séculos de proibição e de perseguições.

Os rituais originários permanecem para sempre como fortificação da identidade do grupo religioso e lhe assegura a coesão e a sua força integradora. Seus elementos constitutivos como os oráculos, os símbolos, os ministros, os espaços e as alfaias (vestimentas e objetos) são tidos como sagrados e tornam-se patrimônios sagrados de suas ações litúrgicas, onde estes elementos constitutivos são colocados em movimento, para unificar a comunidade e colocá-la em comunhão com Deus.

Este pacto original é retomado e atualizado por ações litúrgicas pelos anciãos que, pela reverência aos ritos, transmitem às novas gerações, como se fossem heranças genéticas. Como a herança sanguínea que atravessa gerações, os rituais atravessam as gerações, constituindo os elementos de identificação espiritual de cada grupo humano. Assim como a constituição genética se reproduz e se enriquece com novos contactos sanguíneos, a herança ritual se reproduz e, ao mesmo tempo, se enriquece com novos rituais religiosos de outras culturas.

Quando analisa os ritos mortuários, J. P. Bayard, determina alguns elementos comuns destas liturgias, como a oblação, que manifesta solicitude e delicadeza, restaurando a dignidade e a imortalidade dos mortos. Estes valores são expressos por símbolos e discursos valiosos para a comunidade celebrante do ritual. Além disso, estes ritos são essenciais, pois congregam a comunidade e a integram ao mundo espiritual, como dois níveis da mesma existência, unindo o mundo profano ao mundo sagrado. Afinal, precisamos recordar que uma das funções mais importantes do rito é a conjunção da esfera profana e da esfera do sagrado. Ao mesmo tempo em que é preciso *matar o morto* e sepultá-lo, resgata-se sua unidade com os vivos através do rito, que torna a divindade a mediação desta unidade. Esta é a *função comunal* dos ritos de passagens, mas também de todos os ritos.¹² A reflexão dos elementos do rito, como seus textos sagrados, seus símbolos, ministérios e crenças é uma tarefa da teologia litúrgica, que serve à compreensão do significado antropológico e teológico das estruturas rituais.

As ciências que refletem estas conjecturas religiosas, como a teologia e as ciências da religião, bem como a antropologia e a filosofia teológicas, nos permitem compreender o mecanismo destas relações, mas não podem eximir seus cientistas de seus laços religiosos. Nestes casos, os sujeitos da reflexão, mesmo que tentem, não são liberados da força prepotente de sua realidade mais profunda. Assim, o teólogo, os antropólogos e mesmo os filósofos que analisam o fenômeno como objeto das outras comunidades, vivem e convivem com o mesmo fenômeno na sua própria existência.

3. ALIANÇA JUDAICA: MODELO RITUAL

Numa circunstância histórica, fruto da Providência e da eleição divinas, a aliança judaica é a precursora da aliança cristã, merecendo uma consideração especial. Em verdade, os traços comuns dos rituais religiosos são encontrados em todas os grupos religiosos, onde seus elementos constitutivos são verificados de forma evidente. No entanto, devemos considerar que

12 Cf. J. P. BAYARD, *Sentido oculto dos ritos mortuários*. São Paulo, Paulus, 1996, pp. 12-16.

muitos elementos culturais do cristianismo são herança da expressão cultural do ritual originário do cristianismo: o mistério pascal de Jesus Cristo.

O selo da Aliança judaica se realiza no ritual originário da Páscoa, comemorando a libertação da escravidão egípcia na busca da terra prometida de Canaã, na Galiléia. De fato, o ritual de passagem judaico abre o calendário litúrgico e fundamenta todos os demais rituais religiosos. Considerada uma festa instituída pelo mesmo Javé, pela mediação de um grande profeta, Moisés, salvo das águas e libertador do povo, este ritual sela uma Aliança com o povo, num comprometimento mútuo de adoração exclusiva do povo e de proteção por parte de Deus. Os vários textos narram este ritual sagrado (cf. Ex 12, Lv 23,5-8, Dt 16,1-8) que se realiza em torno do cordeiro, como símbolo mediador da Aliança. Como a carne tem a função de comunhão com Javé e partilha entre os fiéis, o sangue tem a função de proteção do povo, expiando os pecados e afastando o anjo exterminador. Neste ritual, o cordeiro representa a mediação do pacto, como símbolo fundamental, pois sua carne fortalece o povo e seu sangue confirma o pacto, em vista de sua libertação.

O ritual do Cordeiro é a expressão da passagem de Deus no meio de seu povo e determina seu comprometimento mútuo. O ritual que sela esta passagem provoca mudanças fundamentais. Antes de tudo, a punição dos opressores e a vingança de Deus, em favor de seu povo; depois a libertação do povo da Aliança, resgatando-o de sua miséria e coroando-o com a libertação e a posse da terra. Como este ritual é originário, ele inaugura o tempo da libertação, que está na gênese de todas as libertações posteriores. Este ritual é marcado por símbolos significativos, além do símbolo central do Cordeiro, todos em vista da história, do contexto e da significação do ritual de passagem. A passagem pascal primitiva representa o protótipo de todas as passagens históricas do povo, tornando-se a motivação da libertação de outras opressões na caminhada do povo pelos séculos vindouros. Como ela representa a travessia na busca da libertação, este ritual assume a dimensão da libertação dos laços da morte, figurando, num sentido mais amplo, como a travessia das paixões da alma e sua purificação conquistando a sabedoria e sua plenitude.

O ritual primordial da aliança, que fundamenta o pacto entre Javé e seu povo, se complementa por inúmeros rituais secundários que visam particularizar a Aliança e torná-la presente em todos os momentos da história do povo.

O pacto exige momentos de consagração do povo a Deus, por meio de contemplação e louvação e exige jejuns e abstinências como formas de expiação por suas infidelidades.

O jejum está presente na espiritualidade judaica, como forma de recordar os eventos tristes do passado, sejam as derrotas e os sofrimentos do povo, como forma de solidariedade e vínculo com a tradição ou mesmo como forma de purificação dos pecados de infidelidade, seja contra Deus, na busca de outros ídolos, seja contra a comunidade, por seus pecados.

No judaísmo, estas práticas do jejum ou da abstinência são celebradas em formas rituais com cadência semanal, sazonal ou anual.

Outros rituais marcam esta aliança, como as festas agrícolas, celebradas nos tempos da sementeira, da colheita ou na procriação do rebanho. Podemos citar a Festa das Primícias (Pr 3,9), das Colheitas (Pr 16,8) e das Trombetas (Sal 81,13), que comemoram as produções agrícolas, como forma de manifestar a gratidão divina e expressar que todos os bens são efeitos de sua misericórdia.

Além das festas relacionadas com os bens naturais, como as fases da lua, as estações e o ciclo anual, a tradição judaica considera igualmente os eventos históricos, como a restauração do tempo, na Festa das Luzes ou *Hannukah* e na Festa da Alegria ou *Purim*, que celebra a sobrevivência do povo pela ação de Ester e Mardoqueu.

Como em todos os pactos, os ritos se realizam em espaços sagrados, que são templos construídos com o objetivo de louvar a Deus e manifestar sua presença no meio do povo.

Não podemos deixar de considerar que para reviver a Aliança de forma intensiva e ininterrupta, os fiéis do povo hebreu recordam, pelo ritual da oração dos salmos, os grandes feitos de Javé e sua grandeza. As salmodias rememoram intensamente a Aliança e um dia na semana, o Sabbath, é dedicado à vivificação da Aliança, como gratidão a Javé e como formação das novas gerações.

Consideremos os templos judaicos como lugares sagrados para a celebração dos rituais litúrgicos mais elevados e mais completos para atualizar a Aliança divina.

O primeiro templo judaico, construído no reinado do grande Rei Salomão, explicita os elementos do ritual judaico, como forma litúrgica privilegiada. Apesar de pequeno em relação ao Templo de Zorobabel, restaurado por Ciro, rei persa, em 515, e o gigantesco templo de Herodes, construído sobre o antigo templo de Salomão, entre 19 e 09 a.C., o templo de Salomão dá os traços fundamentais do ritual litúrgico de uma aliança sagrada. Nele encontramos os vestíbulos para os sacerdotes, que presidem o culto, como mediador entre Javé e o povo, o altar da incensação, que fulgura como lugar de louvação e, mais importante, o espaço sagrado denominado *santo dos santos*, onde

reside a Arca, que é o símbolo fundamental e originário do ritual da Aliança. Como o pacto deve ser renovado e atualizado, os altares dos sacrifícios são preciosos para reviver permanentemente o ritual de mútuo pertencimento. Os sacrifícios de animais, por meio de sua imolação, muitas vezes pode atingir até mesmoa oferenda de seres humanos, como jovens virgens ou crianças

No judaísmo este ritual é realizado por meio da oferenda de cordeiros, principalmente (Gn 22,7-8; Is 65,25), mas também pequenos animais como torturinas (Ct, 2,12, que se repete na oferenda dos pais de Jesus no templo — Lc 2,24) e grandes oferendas como bezerras e touros (Sl 50,13, retomado no Novo Testamento (Hb 9,13; 10,4). Tais oferendas revelam a exigência dos ministros do templo, que é proporcional à situação social dos ofertantes. Estas oferendas que se realizam normalmente nos templos, manifestam os rituais sagrados dos pactos entre a divindade e a humanidade.

Estes rituais estão presentes em todas as fases da vida humana, indo do nascimento à morte, passando por seus *eixos existenciais*, como a infância, início da puberdade e, entre outros, rito de matrimônio; passando também por momentos especiais, como enfermidades, vitórias, derrotas, tragédias pessoais, sociais ou da natureza. Para o rito de passagem, o ritual hebraico compara o falecimento de uma pessoa aos livros sagrados da *Torá*. Como o livro é sagrado, pois contém a palavra divina, o corpo é sagrado, pois contém o espírito de Deus. Como o livro sagrado exige um ritual de incineração, para não ser profanado, o corpo deve ser lavado, purificado, aromatizado e sepultado com reverência.¹³

13 Cf. J. P. BAYARD, *Sentido oculto dos ritos mortuários*, op. cit., p. 18.

Os rituais se diversificavam conforme o contexto cultural e religioso, de modo que a liturgia de Oferendas se realizava como um ritual de entrega das primícias, considerando a intermediação da natureza. Esta oferenda se realiza num lugar sagrado, como expressão de gratidão à divindade, para confirmar a graça de Deus no mundo. De igual modo, o sacrifício de Isaac representa uma ação cultural e sacrificial prestada à divindade poderosa, reconhecida como ser absoluto e superior, em prova de fidelidade, obediência e submissão, numa profissão de fé absoluta. Devemos considerar, para a celebração dos ritos, a origem e os protagonistas carismáticos de sua tradição. Estamos nos referindo aos eventos salvíficos da história do povo de Israel, nos acontecimentos míticos das origens, bem como as ações divinas em favor de seu povo eleito. Referimo-nos aos patriarcas, profetas, sacerdotes e grandes mulheres e homens que lideraram o povo nestes momentos solenes de suas histórias. Consideramos, no entanto, a historização do rito que,

mesmo mantendo sua estrutura originária, se enriquece com novos contextos históricos, onde se encarna e se realiza.¹⁴ Estes rituais, consagrados pela comunidade são codificados nos Livros Sagrados e tornam-se um memorial histórico-profético, que se atualiza por todas as gerações, perpetuando, pela celebração litúrgica, o mito originário e seus eventos históricos.

3. RITUAL DA ALIANÇA UNIVERSAL

Analisando o fenômeno cristão, como um ritual de consagração da humanidade com Deus, reconhecemos um ritual fundamental e originário que é o ponto de partida de um pacto nuclear na história humana.

Como a efetivação deste pacto ocorre dentro de um contexto específico — o povo judaico — seus símbolos são derivados da cultura judaica e de seus elementos religiosos presentes na cultura do Oriente Médio, desenvolvida nas proximidades dos vários povos que evoluíram ao redor do Mar Mediterrâneo.

Servindo-se dos elementos simbólicos da cultura judaica, a novidade de Jesus de Nazaré assume os ícones religiosos dos ritos de seu povo, dando-lhe conotações inovadoras. Jesus Cristo, na sua pregação e na compreensão teológica de seus discípulos, assume a mensagem profética da Aliança judaica, criticando suas estruturas cristalizadas e assumindo os elementos rituais antigos, como o templo, o cordeiro, a aliança, o sangue e o sacrifício.¹⁵ Seu procedimento se apresenta como uma severa crítica aos sistemas religiosos que manipulam e mascaram o sentido profundo dos ritos, empobrecendo-os na sua espiritualidade e relegando-os às normas exteriores. Os símbolos dos ritos — templo, altar, cordeiro, e tantos outros — são incorporados por sua própria pessoa e o centro de sua pregação é o Reino de Deus.

Todas as figuras religiosas, como o livro sagrado da Torá, os templos, as orações e as figuras religiosas e as alfaias são herdadas como um patrimônio religioso consensual.

Jesus Cristo assume estas figuras religiosas, expressões da verdadeira religiosidade de seu povo, e lhes dá uma nova dimensão religiosa.

Assim, a dimensão templária se torna um elemento figurativo para representar o coração humano, onde se realiza o verdadeiro culto a Deus, a verdadeira oferenda é a vida justa e santificada e o altar onde se louva a Deus é a vida dos fiéis.¹⁶

Nesta perspectiva de universalização do pacto religioso, a Aliança se inicia com a consumação de um ritual originante: a crucifixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, que marca o ponto de partida do ritual dos seguidores do Nazareno.

14 Cf. L. M. CHAUVET, *La ritualité chrétienne dans le cercle infernal du symbole*, op. cit., pp. 47-48.

15 Cf. L. M. CHAUVET, *La ritualité chrétienne dans le cercle infernal du symbole*, op. cit., pp. 59-62.

16 A crítica profética dos rituais templários, que se tornam fortemente exteriores e mascaram os valores fundamentais da Aliança, como fidelidade a Deus, fraternidade e serviço aos pobres, se apresenta como um modelo de liturgia que se realiza no Espírito, sem símbolos exteriores. Assim, os profetas denunciavam que Javé prefere orações humildes e misericordiosas a rituais sacrificiais de touros e cordeiros. Esta postura profética é assumida por Jesus Cristo, como crítica aos sacerdotes do templo e ao grupo religioso dos fariseus, que se preocupavam obsessivamente com o cumprimento das leis religiosas e rituais. Cf. S. MARSILI, *A liturgia, momento histórico de salvação*. *Anamnesis*, (1976), pp. 48-53.

O sacrifício do cordeiro, presente na tradição judaica, é substituído pelo sacrifício de Jesus Cristo na cruz. O ritual do cordeiro pascal no judaísmo é assumido pelo próprio Cristo. A oferenda do cordeiro imolado em favor da humanidade, para resgate de seus pecados é revisitado pela morte de Cristo.

Como o cordeiro sem mancha é silencioso, o Cristo caminha silenciosamente, sem maldizer ou blasfemar para seu suplício, pois reconhece a força redentora de seu sacrifício. O sangue derramado pelo cordeiro no patíbulo, para expiação dos pecados, é derramado pelo Cristo na cruz, para expiar os pecados da humanidade. Como a carne do Cordeiro é partilhada pela comunidade e oferecida a Deus, a vida de Jesus Cristo é entregue pelo bem de todos os povos e sua vida é entregue ao Pai como dom maior.

A oferenda da cruz, precedida pelo calvário e concluída na morte e ressurreição de Jesus Cristo, denominado mistério pascal, torna-se o ritual originante da comunidade cristã.

Uma vez que a oferenda da Cruz projeta superar todas as oferendas cruentas dos rituais primitivos, o ritual torna-se simbólico, embora real, considerando que uma vez realizado, a oferenda de Jesus Cristo é perene, devendo apenas ser atualizada num ritual litúrgico da ceia pascal.

O ritual originante é enriquecido na tradição litúrgica cristã por rituais derivantes denominados sacramentos e sacramentais, como formas de iniciação no mistério cristão e como renovação da Aliança nova e perene. Todas as alfaias sagradas, os símbolos, os textos sagrados e os espaços do culto incrementam a celebração do ritual originante. No cristianismo, o mistério pascal é o ritual originante e legitima todos os ritos de louvação, de comunhão, de penitência e de súplicas do ritual cristão.

Consideramos, particularmente, que o ritual cristão é revelado pelo próprio Filho de Deus encarnado, que assume em si mesmo toda ritualidade litúrgica do mistério pascal. Este ritual perpassa toda história da humanidade, transcende as culturas e abrange todos os povos. Esta sua singularidade torna o ritual cristão universal e perene, capaz de incorporar todas culturas e todos os povos, em todos os lugares e em todos os tempos.

Tendo o símbolo esta função mediadora, ele esconde uma linguagem epifânica, que desvela a realidade invisível de uma experiência mística: os cristãos sentem a presença misteriosa de Jesus Cristo em suas vidas e, pelos símbolos, concatenados no rito memorial, renovam em suas vidas a presença divina. O símbolo do pão ou do vinho, num altar consagrado renova e atualiza o sacrifício originante. No ritual cristão da ceia eucarística, a comunidade revive o mistério pascal e a doação de sua vida, como cordeiro oferente, se renova como se o tempo se renovasse e o primeiro ritual se renovasse.

Como dito anteriormente, o ritual originante do cristianismo tem a oferenda do *Cordeiro de Deus* como absoluta, assim que sendo o Filho de Deus encarnado, torna-se a expressão mais elevada do amor de Deus pela humanidade e o ritual absoluto de toda crença histórica. O ritual cristão revela a supremacia de todos os símbolos humanos e todos os rituais convergem para seu mistério e tornam-se relativos a ele.¹⁷

Para se realizar como um ritual universal, a ritualidade cristã deve funcionar segundo mecanismos de uma simbolização de expressão universal. Embora estes mecanismos se relacionam com uma cosmologia e uma história singular, em razão de seu contexto original, os mecanismos devem sempre escapar das visões específicas do seu contexto momentâneo e suas estruturas tradicionais, buscando integrar novas visões cosmológicas e assumindo novos contextos históricos e culturais. Em busca constante de sua universalidade, o ritual cristão deve estar em permanente diálogo com uma configura epistemológica que trace a coerência entre sua origem, sua tradição e sua história, incorporando novas visões epistemológicas de novos grupos humanos.¹⁸

4. EXPRESSÕES DA RITUALIDADE

Nos rituais litúrgicos, os fiéis se comunicam entre si e com Deus pela palavra, mas igualmente por símbolos, gestos, movimentos e sinais. A palavra é uma mediação entre o fiel e Deus e, na celebração, é enriquecida pelas expressões simbólicas, que constitui a comunicação não verbal. Todas as expressões da linguagem são necessárias e complementares e possibilitam o adentramento dos fiéis no mistério divino.

Em todas os rituais litúrgicos, o complexo simbólico está em profunda relação com o contexto sócio-cultural da comunidade de fiéis e esta conotação permitiu ao longo da história que os rituais se enriquecessem, ao incorporar expressões culturais, simbólicas e lingüísticas, de tantos povos. Em nosso continente latino-americano, a riqueza cultural, nascida da composição étnica dos povos ibéricos, afro-ameríndios e as demais colonizações tardias.¹⁹ Os rituais testemunham a importância fundamental dos seus elementos constitutivos, como os símbolos, os gestos, as imagens e a linguagem.

Os vários elementos do ritual demonstram a complexidade dos pactos, aos quais estes elementos devem servir para exprimir o mais profundamente possível a imensidão da aliança. Depois de longos séculos, onde os protagonistas do ritual cristão se fixaram sobretudo na força da palavra, os símbolos tornam-se instrumento cada vez mais importante na atualização do pacto original. Como vivemos num contexto histórico toca-

17 Cf. D. SARTORE, Sinal/Símbolo. In SARTORE D. — TRIACCA, A. (Eds.), *Dicionário de Liturgia*. São Paulo, Paulus, 2001, p. 1144.

18 Cf. L. M. CHAUVET, La ritualité chrétienne dans le cercle infernal du symbole, op. cit, p. 36.

19 Cf. CELAM, *Documento de Puebla*. São Paulo, Loyola, 1979, nn. 51, 307 e 409. Conferir ainda, CELAM, *Documento de Santo Domingo*. São Paulo, Loyola, 1992, nn. 30, 228 e 247.

do pelas imagens de todos os tipos, particularmente as imagens eletrônicas, que lhe dão brilho e fulgor técnico, os celebrantes dos rituais devem incorporar novas modalidades simbólicas, capazes de exprimir todas as nuances e sutilezas do mistério que o rito encarna.

O mistério permanece em sua essência desde os primórdios do cristianismo e seu valor continua intacto. As formas linguísticas evoluíram e, portanto, o ser humano exige uma evolução na realização do rito, para que possa comunicar seu mistério de forma mais eficiente e, então, mais eficaz. As imagens simbólicas ganham novos contornos e exigem outras expressões para se comunicar: a luminosidade, as cores e as formas. As imagens propiciam maior fascinação aos fiéis. A simbologia aproxima o conteúdo do mistério da própria existência dos participantes da celebração, tornando a celebração mais intuitiva e envolvente. Sem o envolvimento intuitivo e interativo dos fiéis, o ritual se reduz a uma catequese doutrinal, com dimensões acentuadamente racionais. O ritual deve ultrapassar os limites da racionalidade e atingir os campos mais intensos da mística, unificando o conteúdo do mistério às profundezas do espírito humano.²⁰

Nas ações litúrgicas cristãs, os símbolos servem ao ritual para exprimir os facetas mais profundas do mistério pascal, realizando a mediação, capaz de expressar os sentimentos do subconsciente e do inconsciente. Os símbolos tornam-se meios de comunicação do mistério e uma forma de abranger comunitariamente seu significado indizível. Eles permitem comunhão os sentimentos de fé e de devoção que os próprios codificadores do ritual não são capazes de delimitar com clareza ou, pelo menos, não conseguem penetrar seu âmago, embora delimitem apofaticamente suas fronteiras.

Os símbolos nos rituais cristãos abrangem significações filosóficas, como expressão do ser na história, ou psicológica, exteriorizando as expressões da alma, ou ainda semiótica, como código interpretativo das coisas. Podem ser compreendidos em outras áreas do conhecimento humano, como na significação antropológica, em cuja natureza o ser humano se comunica veladamente pelos símbolos, interpretado e comungado por sentimentos semelhantes. Interessa-nos, sobretudo, a significação teológica do símbolo, que nos possibilita entrar na comunhão divina, pessoalmente, como um diálogo íntimo com Deus e, comunitariamente, quando existe co-participação na crença do ritual originante. Pela significação teológica do símbolo, que impregna os ritos da liturgia, entramos na dimensão transcendental e tocamos o mistério cristão. Sendo impossível exprimir o rito por linguagens verbais, os símbolos permitem

20 Cf. J. ALDAZABAL, *Gestos y Símbolos*. Barcelona, Centre de Pastoral Litúrgica, 1992, p. 10.

maior adentramento no mistério da fé. O valor do símbolo está na sua mediação entre dois mundos que se buscam e se encontram, servindo como laço invisível deste encontro.²¹

Nos rituais, o símbolo é um instrumento eficaz para comunicar os valores integradores do universo humano e do universo divino. Ele está em conexão com o mundo invisível, capaz de nos introduzir nas suas entranhas e permite que o mundo invisível nos invada, possibilitando uma comunicação e propagação de seu conteúdo.²²

A possibilidade deste encontro efetiva a própria razão de ser do símbolo, que garante o encontro e a integração de realidades distantes e intocáveis.

O símbolo permite a integração de duas realidades distintas e intocáveis: pelo sentimento, quando unifica duas pessoas distantes; pela matéria, quando entrelaça dois objetos separados e pelo espírito, quando unifica realidades humanas e divinas. Este é o objeto do símbolo nos rituais religiosos.

A ação de celebrar é a atividade humana que realiza esta integração, servindo-se dos gestos, palavras e símbolos, que atravessam o espírito humano, para integrar a humanidade a Deus, pela mediação de Jesus Cristo. Donde compreendemos que o símbolo absoluto da fé é a pessoa de Jesus Cristo e todo universo simbólico serve como explicitação deste Símbolo que permite o encontro do povo de Deus com seu Senhor.

No ritual, a linguagem é instrumento de adentramento ao mistério e de comunhão comunitária. As idéias ou conceitos interiores são representados iconograficamente em símbolos, para que o *evento primordial* que dá origem à fé comunitária seja revivido e reinterpretado historicamente. Apesar do *evento fundante* se concretizar numa acontecimento histórico, sua propagação e sua fulguração se atualiza e se renova ao longo das gerações. Ele transcende as circunstâncias, os contextos e seus sujeitos e se renova em novas realidade, com novos protagonistas. Assim, Jesus Cristo é perene e seu *mistério pascal* se atualiza em todos os povos e nações.²³

5. EXPRESSÕES RITUAIS NO CRISTIANISMO

A ritualidade litúrgica é fundamental para reviver o *evento fundamental* do pacto firmado entre Deus e a humanidade, pela ação histórica de Jesus Cristo, humano Filho do Pai. O rito corresponde a uma sequência lógica e regulamentar de movimentos, gestos, palavras, símbolos e mesmo momentos de silêncio, que solenizam um encontro. Assim, o rito é celebrado, como ação litúrgica, para reavivar o pacto originante da fé cristã. O pacto originante é rememorado através dos ritos que se repetem

21 Cf. D. BOROBIO, *A celebração na Igreja*. São Paulo, Loyola, 1990, vol. 1, pp. 325-326.

22 Cf. J. U. DA SILVA, *A Arte de Celebrar*. VIDA PASTORAL, 91 (1980), p. 16.

23 Cf. D. BOROBIO, *A Celebração na Igreja*, op. cit., p. 244.

ao longo da tradição, perpassando as gerações. O ritual originante será reavivado de forma simbólica, permitindo sua permanente atualização. Os acontecimentos são refigurados em expressões simbólicas e, no ritual, presentificados na prática ritual.

Assim como os idiomas são organizados por estruturas dinâmicas, o ritual se organiza através de uma estrutura repetitiva e, ao mesmo tempo, dinâmica.²⁴

Assim como existe a necessidade de uma constância para o reconhecimento do significado do ritual, é inegável a importância de incrementar o ritual com novas formas lingüísticas advindas da evolução do pensamento humano e do encontro com a pluralidade cultural dos povos, que se aproximam para celebrar o mesmo ritual do mistério pascal de Jesus Cristo.

A vivência do mistério e sua atualização é uma atividade do espírito humano, que se efetiva de forma pessoal e íntima, pois a experiência religiosa propalada pelo rito pertence à pessoa e se realiza na sua própria vida de forma integrativa. O rito integra a pessoa consigo mesmo, com a sociedade e com Deus. No entanto, o rito tem uma importante função comunitária, uma vez que se faz instrumento de encontro entre as pessoas que comungam o mesmo ritual originante. Nesta situação, os elementos instrumentais do rito, como seus símbolos, sua cultura, sua linguagem e seus gestos, tornam-se secundários. A unidade fundamental do rito está na sua origem mística. Esta origem unifica os fiéis, transcendendo suas expressões simbólicas.

Considerando todas as expressões da ação litúrgica, que compõem os ritos, perpassamos sobre a dimensão corporal que integra a pessoa humana, ser indivisível em sua composição fundamental: corpo, alma e espírito, que se une a uma comunidade, compondo o corpo místico. A ritualidade se realiza numa comunidade real, quer dizer, ao mesmo tempo espiritual e corporal. Todo rito é a expressão da corporeidade e da espiritualidade dos fiéis, que se integram num corpo místico, para celebrar comunitariamente os ritos. As ações rituais se manifestam como linguagem do espírito que se declara por meio da corporeidade humana, que realiza o encontro da pessoa humana com a criação, assim como sua espiritualidade realiza seu encontro com o Criador. Por esta razão, o rito se exprime em expressões corpóreas como cantos, vozes, ceias, banhos, unções, sangue e movimentos corporais, entre tantas mediações, necessários para a expressão dos sentimentos mais profundos do espírito humano. Concebemos, assim, que a corporeidade humana, é a mediação de sua linguagem, como ponte de auto-comunicação com o mundo.²⁵ Todos estes elementos corporais são significativos, quando se tornam a expressão da fé que a comunidade professa no Senhor Ressuscitado, evento

24 Cf. F. TABORDA, *Sacramentos, Práxis e Festa: Para uma teologia latino-americana dos sacramentos*. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 74.

25 Cf. J. ALDAZABAL, *Gestos y Símbolos*, op. cit., p. 21.

fundante do ritual cristão. A ritualidade unifica três bens essenciais do ser humano, isto é, a corporeidade, a racionalidade e a afetividade, propiciando o encontro entre Deus e seu povo, de forma consciente e plena. As atitudes e os gestos, unidos ao silêncio e à palavra, permitem a realização eficaz do ritual litúrgico. Para a verdadeira eficácia sacramental, é fundamental que haja interatividade entre o ritual e seu significado espiritual. Quanto maior a integração entre a comunidade e o mistério, mais intensa será a mediação ritual, assim que quanto maior profundidade espiritual houver na presidência e nos ministérios dos ritos, melhor será a intercomunicação na assembléia e, finalmente, maior adentramento no coração do evento fundante.

Deste modo, os fiéis que partilham o mesmo ritual originante vivem em comunhão mais profunda, apesar das diferenças lingüísticas e culturais, utilizadas na execução prática do rito. O rito é a expressão comunitária das crenças pessoais e integra a comunidade. A possibilidade de integrar todas as formas culturais e expressões lingüísticas torna o ritual cristão universal.

Neste sentido, o ritual é passível de criatividade, uma vez que pode incorporar formas inovadoras de ser executado, visando sempre maior profundidade e interação com o evento fundante da comunidade. A adaptação permite que o rito se instale em novas expressões culturais, englobando a criatividade e, como conseqüência, seu enriquecimento e sua dinamização. Embora o ritual aprofunda sua identidade própria pela regulamentação e sua repetitividade, é importante que os momentos dos ritos sejam vividos com consciência, para evitar a automação e os condicionamentos, que esteriliza sua espiritualidade. Este é o problema da repetitividade no rito, tornando a sua prática autômota e condicionada, sem consciência e espontaneidade.²⁶

Como a fonte carismática do ritual é inesgotável, pois é uma ação permanente de Jesus Cristo, como cordeiro sacrificial, é sempre possível renovar seu instrumental simbólico, visando integral cultural e lingüística da comunidade que celebra o rito.

No ritual, há uma tensão permanente entre o rigor das formas e suas fórmulas, que garante a identidade e a objetividade, e a espontaneidade do seu espírito, que assegura a subjetividade, a renovação e sua vitalidade. Como o excesso de rigor provoca o rigorismo, que provoca alienação e alienação, igualmente o excesso de subjetividade perverte-se em espontaneísmo e estraçalha a continuidade do rito. O ritual deve ter seu estilo, aglomerando harmonicamente suas partes e seus elementos constitutivos, como vimos, os símbolos, os gestos, a linguagem, o silêncio, entre outros. Este estilo deve expressar as ver-

26 Cf. D. BOROBIO, *A celebração na Igreja*, op. cit., p. 224.

dades fundamentais da Aliança originária e, ao mesmo tempo, caracterizar-se pelas expressões culturais e contexto da comunidade. Os recursos à linguagem, seu conteúdo e sua forma, devem ser capazes de comunicar, com emoção e racionalidade, a mensagem do mistério. Para tanto, as ciências teológicas servem para animar e vivificar o rito.²⁷

A administração do rito é auxiliada pelas rubricas, que são orientações aos celebrantes para conhecer e dominar mais atentamente a seqüência dos gestos, símbolos e leituras. Nunca devem descambar para o rubricismo ou para o ritualismo, que é a excessiva rigidez e obsessiva automação do ritual. As normas ou rubricas servem para que os celebrantes do ritual não se desviem de sua desenvoltura, que pode, na linguagem do direito canônico, atentar contra a validade do ritual. Os limites da variação das rubricas é determinada pela autoridade eclesiástica, que lhe confere a legitimidade.²⁸ Este equilíbrio na concretização do rito, permite ao mesmo tempo a validade e a fecundidade das ações litúrgicas, que unificam e fazem crescer a comunidade.²⁹

Para que a comunidade celebre com profundidade sua fé e seu mistério, deve haver integração entre o ritual e o evento originante. A eficácia do ritual depende da veracidade do ritual fundamental e, igualmente, da integração da comunidade que o celebra. Desta feita, é importante que o ritual tenha fundamentação no mistério pascal de Cristo, que garante sua validade sacramental e que a comunidade celebre o rito com consciência e veracidade, salvaguardando assim a fecundidade sacramental.

Para que o ritual seja eficaz, seus ministros e seus fiéis devem celebrar com intencionalidade e ativamente, significando assim a santificação da pessoa humana e seu culto a Deus.³⁰

6. A ECLESIOLOGIA E O RITUAL CRISTÃO

Séculos são passados, desde que os primeiros cristãos, na simplicidade e na mais elevada coerência, celebravam os mistérios da fé. A grandeza do mistério pascal era celebrada com fidelidade e encantamento. A presença do Senhor ressuscitado, iluminado pelo clarão do Espírito Santo. Aos poucos, a comunidade cristã elabora seus ritos, seus símbolos e seus textos litúrgicos. Um itinerário pelos livros litúrgicos nos aponta para o processo da gênese, crescimento e elaboração dos sacramentários e dos sacramentais da Igreja. As formulações resultantes das discussões teológico-litúrgicos formularam a matéria prima para a diversidade e a coerência dos livros litúrgicos. Não podemos negar, com serenidade, que os rituais recebem a influência das tendências doutrinárias, que estiveram presentes na

27 Cf. J. L. MARTÍN, *No Espírito e na Verdade*. Introdução Teológica à Liturgia. Petrópolis, Vozes, 1996, vol. 1, pp. 193-195.

28 Para aprofundar-se sobre o ritualismo, entre tantos, pode-se contar com J. LEBON, *Para viver a liturgia*. São Paulo, Loyola, 1983, p. 31ss.

29 Cf. A. CUVA, *Direito Litúrgico*. In SARTORE, D. — TRIACCA A. (Ed.), *Dicionário de Liturgia*, op. cit., p. 299.

30 Cf. J. L. MARTÍN, *No Espírito e na Verdade*, op. cit., p. 62.

constante discussão pela plena ortodoxia. O primeiro milênio buscou uma compreensão mais solícita do mistério pascal, no entanto, temos que admitir que a aproximação dos poderes civis e políticos com suas cortes magistras influenciaram os rituais, deixando marcas que solenizaram as ações litúrgicas, impregnando-a de ritualismo e de pompas, nem sempre coerentes e simples ou singelas.

As formas culturais e devocionais foram sempre muito significativas e grandiosas para celebrar o mistério pascal. Na evolução — involução através dos séculos, conhecemos momentos mais iluminados e mais sombrios dos rituais litúrgicos. O segundo milênio foi marcado, sobretudo, pelas devoções, pelo fixismo e distanciamento do povo leigo da vida litúrgica da Igreja, sobretudo naquilo que se refere ao sacerdócio comum dos fiéis. O afastamento do povo, em virtude do batismo de crianças, da penitência privativa, da língua latina, da proibição das famílias litúrgicas não romanas, provocou práticas litúrgicas paralelas. De um lado, as práticas rituais mais oficial, das paróquias, do clero e das catedrais. Por outro lado, os rituais populares, presente nas capelas, nos rezadores e benzedeiros e nas famílias.

A busca de encontro destes rituais litúrgicos foi um diálogo difícil, pois o clero torna a liturgia fixista, enquanto que as comunidades leigas elaboram e celebram rituais devocionais, muito santorais, criativos e com mesclas religiosas e étnicas.

O encontro dos rituais da Igreja caminharam, em tantas ocasiões, em trilhos paralelos, com pouca aproximação e, certas vezes, em contraposição e exclusão mútua.

O mistério pascal foi celebrado pelos ritos sacramentais, controlada pelo clero ordenado, com grande rigor lingüístico e rubricista, dificultando a variação criativa e a inculturação. De forma equivalente, o mistério pascal foi celebrado nas ações rituais populares, marcadas pelas promessas, santorias, benditos, dificultando o aprofundamento teórico e a correção litúrgico-teológica.

Compreendendo e aceitando os limites destas ações rituais, entendemos que as duas posturas elaboram uma mística peculiar e profunda, porém parcial e limitante do mistério pascal cristão.

Nos últimos séculos, embora houvesse um encontro prático na vida sacramental da Igreja, os rituais populares foram marcados pela criatividade e pela mescla étnica e cultural; muitas vezes confundindo elementos doutrinários. Por várias razões, o clero esteve muito ausente dos rituais litúrgicos devocionais, como se fossem práticas secundárias e de segunda categoria, quando na verdade poderia servir de prelúdio para os grandes eventos litúrgicos, particularmente dos sacramentos.

PARA CONCLUIR: O RESGATE DA DIMENSÃO EXISTENCIAL DOS RITOS

Após o Concílio Vaticano II, a comunidade eclesial procura inserir a comunidade cristã na comunidade humana e a comunidade humana na comunidade cristã. O distanciamento dos *dois mundos* é o grande projeto dos padres conciliares. A própria imagem de povo de Deus, como povo eleito é um título que configura o novo modelo da comunidade dos fiéis. Assim, os documentos conciliares promovem uma aproximação, com alteridade, da comunidade cristão e toda a humanidade e, igualmente, uma aproximação dos fiéis, celebrantes do mistério pascal, nas suas devidas funções e diversidade.

A proposta conciliar se expressa fortemente na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, uma vez que proclama a participação sempre mais ativa, mais consciente e mais fecunda dos fiéis nos rituais eclesiais, ao mesmo tempo que insiste na interação entre os ministros ordenados e o povo leigo nas ações litúrgicas populares. Podemos acreditar que os documentos do Concílio preconizam a superação gradativa da ruptura secular entre o universo litúrgico oficial e aquele popular, as celebrações paroquiais e aquelas das periferias, bem como a interação entre o mundo religioso e o mundo civil, o sagrado e o profano, o clero e o laicato.

As distâncias entre os rituais populares e aqueles templários devem ser minimizadas e, mantendo sua identidade, devem enriquecerem-se mutuamente, para que o clero e o povo leigo não vivam a mística litúrgica em rituais litúrgicos contrapostos, mas interativos e enriquecedores. Os valores litúrgicos pertencem aos dois modelos litúrgicos e servem de encontro do povo cristão, na sua especificidade e na sua unidade.

Se, em linhas genéricas, reconhecemos o primeiro milênio como o tempo da correção do mistério pascal na liturgia, e o segundo milênio como o período dos desvios fascinantes da religiosidade popular, procuramos descobrir os novos caminhos dos ritos litúrgicos da Igreja, que possa recuperar a genuína tradição cristã, herdada dos apóstolos e elaborada nos fecundos séculos da Patrística, conjugada com a herança religiosa do segundo milênio. Não é mais possível e é improdutivo retomar as fontes da tradição litúrgica sem considerar o fascínio da religiosidade popular, que o cristianismo ampliou e inculturou na relação com as inúmeras culturas e mentalidades religiosas dos povos.

Na formação da cultura litúrgica e seus rituais celebrativos do Brasil temos três matrizes fundamentais originárias, que não podem ser absolutamente ignoradas: A tradição ibérica, trazida com a colonização portuguesa, com suas festas e devoções

cristãs; a originalidade cultural e religiosa indígena, com seus valores míticos e místicos; e a penetração preciosa dos povos afro-descendentes, com seus valores culturais de danças, símbolos e comidas. A relação humano-divina, que se soleniza no ritual litúrgico se enriqueceu com estes valores fundamentais, propiciando uma riqueza simbólica, com ícones, ritmos, vestes, comidas, etc. ainda que certos desvios do mistério pascal — que hoje devem ser assumidos com apreço e, com delicadeza, purificados.

O projeto do Concílio Vaticano II, na *Sacrossanctum Concilium*, não é apagar ou ignorar séculos de história. A proposta da Igreja é, sem prescindir destes valores fundamentais e desta tradição, com seus erros e acertos, retomar o caminho da formação litúrgica, para que seja os rituais celebrem com fecundidade e validade o mistério pascal que unifica e vivifica a comunidade eclesial.

Após cinco séculos de ritos, marcados por rigidismo e certo legalismo, a proposta eclesial é uma abertura aos novos tempos, para inserir os rituais litúrgicos na caminhada pastoral, que por sua vez está em profundo diálogo com as realidades históricas.

A comunidade cristã, seus pastores e seus fiéis, não quer provocar rupturas na ritualidade litúrgica, mas incrementar uma reforma na teologia e na mística dos rituais, capaz de revelar novas dimensões da relação entre Deus e a humanidade e, ao mesmo tempo, restaurar a adaptação litúrgica, em seus vários espaços, sejam a inculturação, a criatividade e a diversidade da linguagem.